

Magister hic et nunc: breve reflexão

MARIA MANUELA PEREIRA PINTO DOURADO ALVELOS
Universidade de Aveiro

Venho falar-vos de uma história antiga, que é a história do nosso futuro.

A perspectivação do futuro sempre foi problemática para o Homem. Ao longo dos tempos, através das mais diversas criações, o ser humano sempre manifestou ansiedade perante o futuro, perante a ideia de desconhecido. E nós, aqui e agora — *hic et nunc* —, envolvidos em grande incerteza relativamente aos novos modos de estar e comunicar, não poderíamos ser excepção.

Neste quadro cultural de crescente complexidade, onde a diversidade de processos comunicativos e a abundância de informação são já incontornáveis, vivemos submersos num mar de objectos, ídolos e referências que dialogam entre si e se contradizem amigavelmente.

A tecnologia, que evolui mais depressa que a nossa própria capacidade de a abarcarmos, forma novos modos de pensar, saber e comunicar - novos modos de estar. Já se vai sentindo, através dos meios de comunicação social, como a **lógica** está a perder terreno. A aprendizagem pela imagem e pelos *multimedia* conduz a um tipo de abordagem do saber em que a lógica não impera, em que os sentidos, hiper-inundados, se substituem ao raciocínio.

O pensamento fragmenta-se por entre objectos descontextualizados, longe do seu espaço original, reagrupando-se em novos sentidos não localizáveis, quer geográfica, quer historicamente. Já nem ficamos perplexos ao observarmos um grupo de música rock que usa camisolas estampadas com imagens religiosas, ao usarmos um relógio

suíço concebido por um inglês, com motivos orientais, que compramos numa relojoaria em Portugal.

Tudo isto, no entanto, é um simples jogo de crianças quando comparado com os horizontes tecnológicos que se perspectivam — e que são, já hoje, realidade nos laboratórios onde se joga o nosso futuro. A nanotecnologia, ciência das tecnologias invisíveis (porque infinitamente pequenas), promete-nos a cura de doenças por inserção de nanocomputadores na nossa corrente sanguínea.

Sentimos, inevitavelmente, alguma estranheza, e sentimos a necessidade de encontrar novas formas de nos relacionarmos com os objectos (pela sua abundância e diversidade) e com as pessoas (pela acessibilidade instantânea a quase todos aqueles que conhecemos... e até o conceito de conhecer alguém começa a mudar).

Ao depararmos com toda a informação fragmentada e desconexa que nos rodeia, vamos, instintivamente, atribuindo-lhe sentidos... como um arqueólogo que reconstrói a história (enquanto tecido de hipóteses) pelas ruínas do passado.

Sentimos, no fundo, que precisamos de passar a agentes activos neste processo; que iremos passar a filtrar a informação que queremos receber, que podemos construir os nossos espaços culturais personalizados, reformular os nossos valores espirituais, feitos agora de retalhos de religiões e mitos ancestrais.

E, de súbito, sentimos desconforto ao comunicarmos com os outros, recorrendo a estrangeirismos de significado incerto, substituindo a nossa assinatura por um código numérico, usando tecnologias estranhas que nos põem a conversar com máquinas, ... quase como quem aprende de novo a falar.

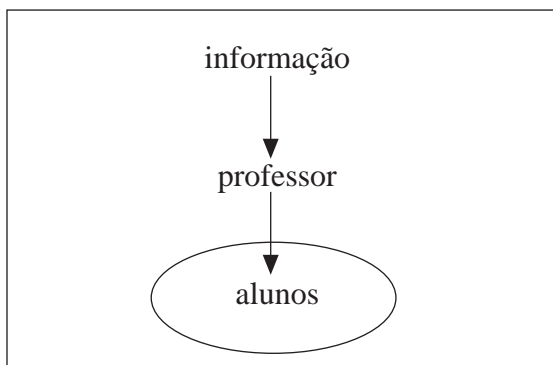
O Ministério da Instrução Pública Italiano fez questão de, já este ano, reunir um leque alargado de intelectuais e pedagogos, entre os quais o escritor e semiólogo Umberto Eco e a prémio Nobel de biologia Rita Levi Montalcino, que se propõem repensar o sistema de ensino por forma a fazer frente a todos estes desafios que se

avizinham. Penso não ser por acaso que este trabalho tem início em Itália, e parece-me essencial salientar o modo como o Latim terá sido proposto como disciplina fundamental nos inícios do próximo milénio, ao lado de ramos do saber tão abrangentes como a ética e a filosofia.

Transportando este quadro para o contexto da sala de aula, não nos é difícil reconhecer que, da mesma forma, os modelos tradicionais de ensino e aprendizagem necessitam de uma reflexão e reestruturação profundas.

O seguinte conjunto de esquemas, proposto por Milton Petruk, poderá lançar alguma luz sobre esta questão:

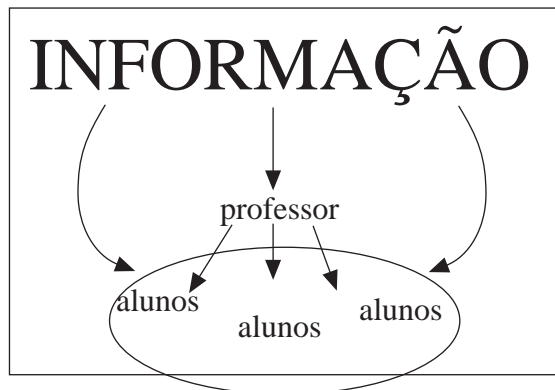
[1º esquema]



Temos aqui representado, de uma forma simples, o modelo estrutural do que temos vindo a chamar ensino, ao longo dos séculos, neste contexto ocidental, e que ainda hoje muitos subscrevem na sua essência (mesmo que experimentando novas estratégias pedagógicas): O professor, detentor de um acesso privilegiado à informação, transmite-a a um conjunto de alunos que aguardam a sua assimilação.

O que, entretanto, se tem vindo a passar exige da nossa parte uma postura de natureza radicalmente diferente:

[2º esquema]



Por um lado, a informação cresceu em quantidade, expandiu-se em todas as direcções e faz cada vez mais uso dos mais diversos meios de propagação; por outro lado, os ramos do saber tendem cada vez mais a sobrepor-se e a criar áreas híbridas de inter-dependência; e, por fim, o nosso acesso a todo o tipo de informação tem vindo a ser cada vez mais facilitado. Resumindo, temos mais e mais informação, cada vez mais diversa e complexa, que nos chega mais facilmente, a nós professores e a nós alunos.

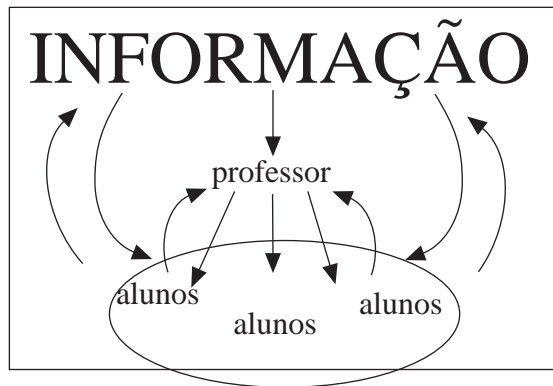
Este cenário confronta-nos com dois dados novos:

Primeiro, o aluno vai receber informação da sua área sem que esta passe pelo professor;

Segundo, a quantidade de informação ao dispor é demasiado grande e evolui demasiado depressa para que o professor possa abarcá-la na sua totalidade.

Isto conduz-nos a um terceiro quadro:

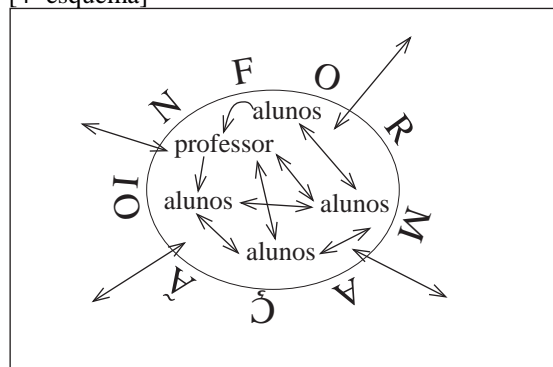
[3º esquema]



É curioso como, deste modo, podemos constatar literalmente a expressão, tantas vezes utilizada, de que o professor pode aprender com os alunos — e reconhecer que ela é hoje mais verdadeira que nunca.

O que será, então, o mundo de amanhã, mais particularmente: o que será o ensino e a aprendizagem na era que se avizinha?

[4º esquema]



Provavelmente encontraremos uma estrutura correspondente à apresentada neste último gráfico, em que a hierarquia desaparece em favor de uma submersão colectiva neste mar da informação.

Como permitir que uma estrutura como esta, aparentemente desorganizada e imprevisível nos seus efeitos, venha a ter sucesso, muito concretamente nesta nossa área do Latim?

Não é, de facto, fácil ensinar e aprender latim nos dias de hoje, perante um quadro desta natureza. É a “falta de bases”, tão insistentemente repetida em relação a quase todas as disciplinas; é a falta de hábitos de estruturação lógica (lá temos a lógica...); são os hábitos de dispersão e de desconcentração, tão característicos da nossa época, e que são frutos da invasão maciça, inevitável e por vezes frenética, do *audio* e do *video* (palavras latinas que significam, respectivamente, *eu ouço* e *eu vejo*).

Mas são sinais dos tempos, e não nos cabe recusá-los ou considerá-los *a priori* como nefastos. Temos, isso sim, de ser capazes de os passar a integrar em nosso proveito. Que fazer, então, para o aluno aprender latim? (ou, afinal, qualquer outra disciplina?)

Dir-se-á certamente: motivá-lo primeiro.

Mas como?

Antes de mais, tenhamos uma postura de autenticidade. Sejam os nós mesmos. Criemos um clima de humanidade (*humanitas*), porque todos são *homines*.

Criemos um clima de cumplicidade:

1. em relação à atitude perante o saber e em relação ao próprio saber.
2. em relação a todas as situações que porventura surjam, e que possam interferir, positiva ou negativamente, no processo de aprendizagem.

O que se passa é que a nossa cultura viveu muitos anos exclusivamente fundamentada na razão, quando esta não é, nem por sombras, a única fonte de conhecimento. Não podemos pôr de parte a experiência, que é precisamente o que há de intuitivo, de cumulativo, de irredutível na sabedoria de cada um de nós.

Será essencial compreendermos que o acesso à tal informação que nos rodeia não é, só por si, sabedoria. Esta é resultado da informação quando articulada com a experiência que vamos adquirindo nos mais diversos contextos, e é o gerir desta experiência perante os novos dados que nos vão sendo fornecidos que constitui o verdadeiro saber.

Como disse recentemente John Kao (professor na Universidade de Stanford na Califórnia, e verdadeiro homem renascentista dos nossos tempos, com interesses que vão da tecnologia ao cinema, da economia ao jazz), a propósito do seu livro “Jamming”, onde discute a arte e a disciplina da criatividade no mundo dos negócios, “[o saber] nunca será uma mercadoria de massa. Ele requer (...) um labor do pensamento humano, que transforma a informação (disponível para todos) em conhecimento criativo — em saber. É essa a sociedade que temos pela frente”.

Assim, e retomando o contexto pedagógico, feito de experiência e informação ao dispor de todos os intervenientes, o saber será então compartilhado, e o aluno será o grande questionador, passando o professor a um plano mais discreto, mas não menos importante. O seu papel é de cada vez maior responsabilidade, exactamente porque terá que orientar e moderar permanentemente as descobertas dos alunos, e estimular o seu espírito crítico e criativo. O professor terá desta forma a seu cargo, mais do que a transmissão da informação, o moderar da aquisição de experiência por parte dos alunos.

Forma-se assim uma equipa de trabalho em que é difícil alguém colocar-se de fora. Mas, se isso acontecer, o professor, com o seu bom-senso, a sua intuição e formação pedagógica, o seu saber de teoria e experiência feito, consegue subtilmente integrar/reintegrar o aluno na equipa, mesmo que ele acabe por não ter sucesso escolar (chamemos--lhe assim...), sucesso que será o possível naquele momento.

O velho problema da motivação dos alunos pode, afinal, revelar-se um falso problema. A motivação acabará por funcionar

depois de vencidas algumas barreiras de vária ordem, através da referida postura de cumplicidade, e funcionará muito para além do contexto de aula: quer para futuro sucesso naquela área e outras, quer — e isso é o mais importante porque é o ser humano que está em causa — para o seu bem-estar num mundo de excesso e vertigem.

Poderei imaginar, com base em indícios vários, muitas variáveis deste esquema que acabei de apresentar. Mas uma coisa me parece ser certa: cada vez mais o professor terá que ser o moderador de um processo onde a componente humana é decisiva.

E para que serve o Latim aqui e agora?

O Latim é uma disciplina privilegiada, e aqui entram os lugares comuns: desenvolve o espírito de observação, contribui para uma maior flexibilidade intelectual, é um veículo de cultura exemplar, contribui para o melhor conhecimento da língua portuguesa e das demais línguas românicas.

Tudo isto é verdadeiro, mas pressentimos que já não nos chega...

O Latim remete-nos para um espaço cultural próprio, para um tempo de outros modos de viver. E engloba, no seu contexto, todo um conjunto de mitos que transportam questões recorrentes da existência humana, presentes nas culturas e civilizações mais distantes, e que permanecem hoje enquanto interrogações perenes da nossa existência.

Um exemplo disso é a recuperação de temáticas clássicas nas artes plásticas ao longo dos séculos, como a representação de figuras mitológicas romanas na pintura renascentista ou o quadro “O Rapto das Sabinas” de David e, de um modo geral, toda a sua obra neoclássica, na França de inícios do Séc. XIX.

É também evidente a permanência de certos temas que versam as nossas questões de sempre, da condição humana, temas que povoam os textos antigos e que continuam a surgir na produção literária contemporânea, o que nos diz bem da permanência dos valores clássicos ao longo dos tempos. Para nos situarmos relativamente a esta

questão, vamos deter-nos um pouco sobre a temática da dor humana perante o afastamento e a distância, que encontramos bem explícita, por exemplo, num passo do canto IV da “Eneida” de Virgílio, retomada bem de perto pelo Árcade Correia Garção na *Cantata de Dido*, inserida na sua obra “Assembleia ou Partida”, e ressurgente, de modo quase obsessivo, um pouco em toda a literatura por entre estilos e eras, num processo em tudo similar ao que antes descrevi quando referi a existência de criações geográfica e temporalmente híbridas.

Passo a ler alguns textos de diferentes épocas, que nos mostram claramente a permanência das ideias e sentimentos que acabei de referir, acima de estilos e roupagens circunstanciais:

Neste primeiro texto, retirado da “Eneida”, Eneas partira de Cartago, rumo ao Lácio — seu destino. Dido, inconsolável na sua dor, pronuncia estas magoadas palavras que antecedem o seu suicídio.

*«Dulces exuuia, dum fata deusque sinebat,
Accipite hanc animam, meque his exsoluite curis.
Vixi et, quem dederat cursum fortuna, peregi;
Et nunc magna mei sub terras ibit imago:
Vrbem præclaram statui; mea mænia uidi;
Vlta uirum, pœnas inimico a fratre recepi;
Felix, heu! nimium felix, si litora tantum
Nunquam Dardaniæ tetigissent nostra carinæ!»*

Virgílio, *Eneida*, IV, 651-658

*«Doces despojos
Tão bem logrados
Dos olhos meus,
Em quanto os fados,
Em quanto Deos
O consentiam.
Da triste Dido
A alma aceitai,
Destes cuidados*

*Me libertai.
Dido infelice
Assás viveo;
D'alta Cartago
O muro ergueo:
Agora, nua,
Já de Caronte
A sombra sua
Na barca feia
De Flegetonte
A negra veia
Surcando vai»*

Correia Garção, *Assembleia ou Partida* — extracto da 'Cantata de Dido'

No século XIX o parnasiano Gonçalves Crespo transmite-nos, de forma magistral, a mesma temática, ainda que numa outra dimensão.

Mater Dolorosa

*«Quando se fez ao largo a nave escura
Na praia essa mulher ficou chorando,
No doloroso aspecto figurando
A lacrymosa estatua da amargura.
Dos céus a curva era tranquilla e pura:
Das gementes alcyones o bando
Via-se ao longe, em circulos, voando
Dos mares sobre a cérula planura.
Nas ondas se atufára o sol radioso
E a lua sucedêra, astro mavioso,
De alvôr banhando os alcantis das fragas...*

*E aquella pobre mãe, não dando conta
Que o sol morrêra, e que o luar despona,
A vista embebe na amplidão das vagas...»*

Gonçalves Crespo, *Poesias Completas*

Passando agora ao século XX, não podia deixar de referir "Cartas a Sandra" de Virgílio Ferreira, de que destacarei um pequeno passo.

«A chuva embate com fúria contra as janelas, às rajadas do vento. Estou mais só, sem a passagem de mim para lá da vidraça. Se tu viesses. Ainda que trouxesses a tua pequena ruga de irritação. E se te sentasses aqui comigo à braseira a ouvir a tempestade. E eu te tomasse uma tua mão, abandonada e fria. E houvesse calor bastante em fitar o teu olhar. E soubesses como era bom eu olhar-te. E inventássemos a harmonia de estarmos assim um com o outro até sempre, a ouvir a chuva e o vento. E ficarmos assim em silêncio por já termos dito tudo.»

Virgílio Ferreira, excerto de *Cartas a Sandra*

Ainda um outro exemplo, particularmente sugestivo por demonstrar a presença constante desta temática a todos os níveis da cultura: duas quadras, frequentemente musicadas, da tradição popular Açoriana.

*«Ó meu bem, se tu te fores,
Como dizem que te vais,
Deixa-me o teu nome escrito
Numa pedrinha do cais.*

*Quando o meu amor se foi,
Sete lenços alaguei,
Mai'la manga da camisa
— e dizem que não chorei...»*

Permitam-me ainda incluir o poema “Poesia de Amor”, de David Mourão Ferreira, onde reencontramos esta mesma temática, agora integrada num discurso povoado das mais diversas referências literárias, manifestando assim de modo brilhante este mesmo pensamento fragmentado e abrangente que antes referia.

Poesia de Amor

*«Vieram aves negras em teu nome,
secas folhas de plátano e de tília...
Amargamente, a fonte segredou-me
tudo quanto eu sabia
da sorte de Marília;
e que Dirceu
poderei ser eu
— tão infeliz! — nesta prisão sombria.*

*Ausente embora, continuo
a endereçar-te mil endechas.
Não sei mais nada: sei amor. Assim destruo,
pela canção, a doentia
coloração das minhas queixas.
Bárbara escrava?
Que me importava?
Além de amor, o meu amor quer melodia.
Cantei às flores do pinho, verde e vivo;
cantei nas margens verdes das ribeiras.
— Quando hás-de ver que foste só motivo
para falsas canções tão verdadeiras?»*

David Mourão Ferreira, *Obra Poética*

E então?...para que serve o Latim aqui e agora???

Vai servir para guardar em si a essência de uma cultura que se prepara hoje para sofrer mutações incalculáveis. Aqueles que ao Latim

tiverem acesso serão donos de uma herança preciosa, porque poderão, em qualquer altura, compreender a essência da comunicação humana, qualquer que seja a forma segundo a qual ela nos venha a surgir.

Ficará o caminho aberto para o entendimento de mitos e valores da nossa civilização, para uma experiência estética que se estenderá muito além da simples contemplação das formas.

Redescobrir-se-á até o encanto da língua, o encanto e a perenidade das mensagens que ela veicula, pelo menos enquanto o homem for homem.

DIXI.

Referências:

- CAMPBELL, Joseph — **O Poder do Mito**, São Paulo, Ed. Palas Atena, 1992 (tradução de Carlos Filipe Moisés)
- CRESPO, Gonçalves — **Obras Completas**, Lisboa, Tavares Cardoso e Irmão editores, 1897.
- EGURBIDE, Peru — **La derecha italiana opone una fuerte resistencia a la Reforma de la Enseñanza**, artigo no diário EL PAÍS, Madrid, 24 de Abril de 1997 (via internet).
- FERREIRA, Vergílio — **Cartas a Sandra**, Lisboa, Bertrand Editora, 1996.
- GARÇÃO, Correia — **Obras Completas**, vol. II, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1957.
- KAO, John — **Improvisação é uma competência de ouro**, entrevista ao Jornal EXPRESSO, 25 de Abril de 1997 - Caderno XXI, pp. 12 / 13.
- Ministero della Pubblica Istruzione — **Riordino dei Cicli Scolastici** (documento di lavoro), Roma, 1997.
- MOURÃO-FERREIRA, David — **Obra Poética 1948-1988**, Lisboa, Editorial Presença, 1996.
- PETRUK, Milton — **Teaching and learning with technology — an evolving paradigm**, palestra proferida no congresso “Edmonton

Maria Manuela Pereira Pinto Dourado Alvelos

‘95”, na Universidade de Alberta, Canadá, de 10 a 13 de Agosto de 1995.

VIRGILE, **Enéide**, Paris, ed. Les Belles Lettres, 1970.